



GT 008. Antropologia da cidadania

Marcus André de Souza Cardoso da Silva (PPGEF/UNIFAP) - Coordenador/a, Luís Roberto Cardoso de Oliveira (Universidade de Brasília) - Coordenador/a, Lenin dos Santos Pires (Universidade Federal Fluminense) - Debatedor/a, Luiz Eduardo de Lacerda Abreu (Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília) - Debatedor/a, Juliana Gonçalves Melo (Professora adjunta IV da Universidade Federal do Rio Grande do Norte) - Debatedor/a

A terceira onda democratizante na América Latina não se mostrou capaz de suprimir desigualdades estruturais nem garantiu a efetivação dos direitos civis e sociais dos cidadãos. Isto representou um desafio às abordagens formalistas da teoria política, incapazes de explicar satisfatoriamente as especificidades que caracterizaram este processo. Nesse cenário, a antropologia, com seu foco etnográfico, tem muito a contribuir para o debate sobre "direitos", "cidadania", "igualdade" e "justiça". Ao deslocar a análise da dimensão formal da cidadania para como os direitos são vividos, concebidos e problematizados cotidianamente pelos atores sociais, abre-se espaço para perceber rearranjos e concepções distintas da formulação eurocêntrica. Ao fazer isso, os antropólogos têm desestabilizado abordagens que naturalizam o modelo liberal, demonstrando que não é possível compreender a "cidadania" como um status puramente legal que garante ao indivíduo um conjunto de direitos e deveres em sua relação com o Estado. Tendo isto em mente, o GT busca comparar e debater trabalhos etnográficos que abordem: como a "cidadania" é significada por diferentes atores associados às agências do Estado, ONGs, movimentos sociais e outros coletivos; como se dão as relações que estes diferentes atores estabelecem entre si; quais são os desafios metodológicos dos estudos etnográficos sobre "cidadania".

Para além da migração: haitianos contestando a categoria de "imigrante" no pleito ao reconhecimento

Autoria: Marcelo Giacomazzi Camargo

No atual contexto de migração haitiana para o estado de Santa Catarina, as organizações públicas, ONGs e voluntários independentes buscando contribuir materialmente para melhorias nas condições de vida dos haitianos rotineiramente os enquadram dentro da categoria de "imigrantes". Esta denominação orienta os esforços feitos, direcionando-os para demandas reconhecidas como imediatamente relevantes para imigrantes recentes no Brasil: o aprendizado do português enquanto idioma, o acesso ao mercado de trabalho formal, a compreensão das leis trabalhistas e de migração nacionais, o auxílio na entrada e permanência no sistema educacional e a divulgação de formas expressivas culturais, onde se vê uma oportunidade tanto de um esforço por maior aceitação ampla da diversidade quanto de promoção de oportunidades de empreendedorismo. Neste work, busco analisar como diferentes atores haitianos na Grande Florianópolis aceitam ou recusam a categoria de "imigrante", mobilizando-a para acessarem determinados recursos mas rejeitando-a, ou problematizando-a, quando buscam entrar em discussões políticas das quais a categoria os exclui. Nestes casos, por vezes se opera uma oposição entre a categoria "imigrante" e a categoria "negra" ou "negro", por um reconhecimento de certos sujeitos haitianos de que a existência brasileira da raça os contempla de forma positiva ou negativamente de uma maneira diferente da categoria de "imigrante". Além disso, diversos sujeitos haitianos ressentem a categoria de "imigrante" por considerar que os esforços decorrentes de seu emprego apagam as diferenças entre os haitianos e outras comunidades de origens diferentes, como



sírios, senegaleses e venezuelanos; em seus pleitos à cidadania, muitos destes haitianos reconhecem que existem dinâmicas de vida próprias da existência haitiana no Brasil que acabam por não receber a devida atenção quando o apoio é voltado para uma ideia mais ampla de ?integração de imigrantes?. O work é resultado de etnografia conduzida ao longo de 2017 na Grande Florianópolis, com interlocutores haitianos e brasileiros, e busca traçar formas êmicas de aceitação ou rejeição da ideia de migração como marcador social. A hipótese é que, para além da ideia de migração, existem outras disputas sociopolíticas e identitárias no Brasil que são estrategicamente acionadas por sujeitos vindos de outros países conforme seus interesses e seus modos de viver.



Realização:



Apoio:



Organização:

